

**DAVID GIBSON e MICHAEL McKINLEY**

# **EM BUSCA DE JESUS**

**SEIS RELÍQUIAS QUE CONTAM A NOTÁVEL  
HISTÓRIA DOS EVANGELHOS**

Tradução

BERILO VARGAS



FONTANAR

Copyright © 2015 by David Gibson e Michael McKinley

O selo Fontanar foi licenciado para a Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor  
no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Finding Jesus: Six Holy Objects That Tell the Remarkable Story of the Gospels

CAPA Rob Grom

FOTO DE CAPA FredFroese e Junak/ iStock.com

PREPARAÇÃO Alexandre Boide

REVISÃO Julia Barreto e Renato Potenza Rodrigues

CRÉDITO DAS IMAGENS

p. 21: Dimitar Dilkoff/ AFP/ Getty Images

p. 55: Drew Cunningham/ Getty Images

p. 85: Papyrology Rooms, Sackler Library, Oxford

p. 133: Kenneth Garrett/ National Geographic/ Getty Images

p. 175: Victor Fraile/ Corbis/ Latinstock

p. 203: © 1997 Barrie M. Schwartz Collection, STERA, Inc., All Rights Reserved

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Gibson, David

Em busca de Jesus: seis relíquias que contam a  
notável história dos evangelhos / David Gibson e Michael  
McKinley ; tradução Berilo Vargas. — 1ª ed. — São Paulo :  
Fontanar, 2015.

Título original: Finding Jesus: Six Holy Objects That  
Tell the Remarkable Story of the Gospels.

Bibliografia.

ISBN 978-85-390-0691-5

1. Bíblia N.T. Evangelhos 2. Jesus Cristo — Relíquias I.  
McKinley, Michael. II. Título.

---

15-03750

CDD-232

Índice para catálogo sistemático:

1. Jesus e os Evangelhos : Cristianismo 232

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.facebook.com/Fontanar.br](http://www.facebook.com/Fontanar.br)

# Sumário

Nota dos autores .....	9
INTRODUÇÃO: Quem é Jesus? .....	11
1. João Batista: <i>Messias rival, ossos da discórdia</i> .....	21
2. O Ossuário de Tiago: <i>A mão de Deus ou o crime do século?</i> .....	55
3. Maria Madalena: <i>Prostituta, apóstola, santa ou esposa de Jesus?</i> ..	85
4. O Evangelho de Judas: <i>A maior novela policial do cristianismo</i> ..	133
5. A Verdadeira Cruz: <i>Suficiente para encher um navio</i> .....	175
6. A mortalha e o sudário: <i>Jesus da história, Jesus do mistério</i> .....	203
Agradecimentos .....	237
Bibliografia .....	239

# 1. João Batista

## *Messias rival, ossos da discórdia*

Exames revelaram que ossos humanos encontrados numa igreja búlgara pertenceram a um homem do Oriente Médio que viveu no século I EC. Seriam os ossos de João Batista?

À primeira vista, a ilha de Sveti Ivan não parece o lugar mais provável para resolver um dos mistérios mais intrigantes da história cristã.

Com pouco mais de meio quilômetro quadrado, o árido pedaço de terra está situado no mar Negro, perto da costa da Bulgária, a oitocentos metros da cidade turística de Sozopol, e a quase 2300 quilômetros de Jerusalém. Apesar disso, a ilha sempre teve uma importância estratégica e cultural fora do comum. Depois que conquistaram a região, em 72 AEC, os romanos construíram um templo que abrigava uma estátua de bronze de Apolo de treze metros de altura.

O conjunto de edifícios em volta do templo acabou ruindo, juntamente com a sorte do império, e no século V EC, quando o cristianismo começou a chegar à região e a preencher o vazio deixado pelos romanos, um complexo monástico foi construído no meio das ruínas, e a ilha rasa foi batizada de Sveti Ivan, ou são Ivã — ou, na tradição ocidental, são João, como em são João Batista.

No Novo Testamento, João é conhecido como o Batista, devido à sua fama de atrair almas arrependidas para seus batismos fluviais. Mas os cristãos também o conhecem como o Precursor, ou o Mensageiro, o homem que, sabidamente, previu a vinda do Messias e

depois identificou Jesus como esse homem, quando o batizava no rio Jordão. João era um profeta franco e sincero, um destemido arauto do Reino de Deus, um pregador de rua original que, em vez de carregar placas gritando “Arrependei-vos!”, usava roupas de pelo de camelo como única vestimenta e sobrevivia à base de gafanhotos e mel silvestre.

João vivia de acordo com as palavras que proclamava, e foi preso por Herodes Antipas, o rei da Judeia, representante de Roma, por denunciar o incestuoso casamento de Herodes com Herodias, sua sobrinha. João, como todos sabem, perdeu a vida quando Herodes aceitou conceder à sua filha, tradicionalmente identificada como Salomé, o que ela quisesse, desde que dançasse para seus convidados durante a ceia. Ela dançou, ao que tudo indica de modo bem convincente, e pediu a cabeça do Batista numa bandeja, que Herodes lhe entregou.

Sveti Ivan, a ilha de São João, sofreu muitas tribulações no correr dos séculos. A basílica original foi abandonada e depois reconstruída no século x, e conheceu a prosperidade no século xiii, juntamente com a crescente devoção a João Batista. Dois patriarcas de Constantinopla talvez tenham sido sepultados ali, uma grande honra para um local tão pequeno. Os muçulmanos otomanos que invadiram a Bizâncio cristã saquearam a ilha de São João em 1453, mas uma igreja foi reconstruída no local. Então, no século xvii, piratas cossacos usaram a ilha como refúgio, e a igreja como salão de banquetes. Os otomanos acabaram arrasando todas as construções para privar os piratas de fortalezas, e a ilha foi usada por último como hospital de campanha para soldados russos no século xix.

Nos anos 1980, chegou-se a falar em converter a ilha num destino turístico, com hotel, lojas e coisas do gênero. Mas a ideia não foi adiante, e Sveti Ivan abriga em sua maior parte apenas animais selvagens, principalmente dezenas de espécies de aves, algumas delas em perigo de extinção. Mesmo as raras focas-monge que outrora povoavam as rochas da ilha, carregando no nome ecos de seu passado monástico, desapareceram.

Portanto, foi um tiro no escuro quando arqueólogos começaram a escavar as ruínas da ilha, e houve um espanto genuíno quando, em julho de 2010, descobriram, sob os restos do altar original, um pequeno relicário (caixa para guardar relíquias) de mármore contendo uma boa quantidade de ossos. Três ossos eram de animais de criação — um de ovelha, um de vaca e um de cavalo. “Os ossos de animais são os maiores do grupo, e podem ter sido postos ali para dar volume ao que parece ser uma coleção bem pequena de ossos”, declarou Thomas Higham, professor de ciência arqueológica da Universidade de Oxford, à agência Reuters. Higham fazia parte de uma equipe levada ao local para submeter os ossos a testes de DNA e determinar se era possível que pertencessem de fato a João Batista.

Junto com os pedaços de animais havia ossos humanos: um osso de articulação de dedo da mão direita, um dente, um pedaço do crânio, uma costela, e um cúbito, que é o osso do antebraço. Higham e a equipe levaram os ossos para a Unidade de Acelerador de Radio-carbono de Oxford, um dos principais laboratórios do mundo para datação com carbono de material arqueológico, e dois anos depois saiu um resultado que surpreendeu até o próprio cientista: os ossos humanos eram oriundos da metade do século I EC, a época de Jesus. Testes do material genético realizados na Universidade de Copenhague mostraram que todos os ossos pertenciam ao mesmo homem, e ele aparentemente vinha do Oriente Médio.

Além disso, enterrada na parte mais antiga da igreja havia uma pequena caixa de rocha vulcânica. A caixa traz uma inscrição com o nome “São João” em grego, e o dia de festa de João Batista, 24 de junho, que segundo a tradição é a data do seu nascimento. A pedra da caixa, chamada tufo, vinha de uma área onde hoje fica a Turquia, ao longo de uma das estradas usadas para transportar relíquias da Terra Santa para Constantinopla (atual Istambul), onde imperadores romanos e aristocratas, bem como patriarcas e bispos, disputavam-nas avidamente.

“Geralmente eram concedidas como um sinal de favor. O mos-

teiro de Sveti Ivan pode muito bem ter recebido uma porção de relíquias como presente de um patrono, alguém da elite de Constantinopla”, disse o arqueólogo George Kazan, de Oxford, que escreveu sua tese de doutorado sobre o fluxo de movimentação de relíquias nos séculos v e vi. Ele observou que a ilha ficava a uma pequena distância da capital bizantina, numa importante rota comercial do mar Negro.

“É realmente difícil acreditar que um material do século i possa ter ido parar nessa igreja na Bulgária e ainda estivesse lá para que arqueólogos o escavassem”, disse Higham. “Mas coisas estranhas acontecem.” Higham, um professor ateu sem qualquer motivo para favorecer reivindicações religiosas, declarou aos repórteres que, quando ouviu falar sobre as relíquias pela primeira vez, em 2010, “achei que era uma espécie de piada, para ser sincero”. Durante a fase de testes, ele imaginou que a data de construção da igreja original (mais ou menos do século v) seria um bom indicador da idade mais provável do material. “Achávamos que talvez aqueles ossos fossem também dos séculos iv ou v. Mas foi uma surpresa descobrir que eram muito mais antigos.”

Seriam os ossos de João Batista? Ainda não há como ter certeza, pois não existem bancos de dados de DNA para fazer a comparação, nem genoma da família de Batista — que, segundo a tradição, incluiria seu primo em primeiro grau Jesus de Nazaré. Mesmo assim, encontrar aqueles ossos — todos de meados do século i, todos de um homem que viveu no Oriente Médio — é, por si só, uma descoberta notável.

João Batista foi, em muitos sentidos, o Humpty Dumpty dos mártires. Ao longo dos séculos, tantas igrejas, tantos santuários e tantas mesquitas — João é um profeta reverenciado no Islã — reivindicaram a posse de seu crânio e seus ossos que os mais gaiatos gostavam de dizer, em tom de brincadeira, que João devia ter tido seis cabeças e doze mãos. Juntar João Batista num único corpo novamente talvez seja impossível, embora essa tarefa e a popularidade de seus restos mortais ofereçam uma abertura para as perguntas que realmente im-



portam: quem foi João Batista e por que ele era tão importante para Jesus de Nazaré? Por que Jesus foi ter com João para ser batizado? João terá sido, de fato, uma figura mais popular do que o Filho de Deus? E por que o movimento de João desapareceu, como ele mesmo previu, enquanto o de Jesus se tornou uma religião global?

### “NÃO COMPREENDER O BATISTA É NÃO COMPREENDER JESUS”

O que João Batista confere à narrativa cristã é, acima de tudo, um contexto histórico e religioso, que por sua vez é de importância vital para a compreensão de Jesus. Mas pode também ser profundamente ameaçador para muitos seguidores.

A ameaça surgiu nos séculos xvii e xviii com a ascensão da “crítica bíblica”, o movimento acadêmico de análise das Escrituras de uma perspectiva imparcial, erudita, “factual”, sem encarar os textos cristãos como o cumprimento de profecias do Antigo Testamento, um relato sobre o envio ao mundo do filho unigênito do único e verdadeiro Deus para morrer e viver como homem pelos pecados do mundo e se levantar da sepultura e mostrar o caminho da salvação eterna. Durante sua trajetória, esse homem divino, Jesus Cristo, também tinha demonstrado e instruído seus seguidores sobre como viver. Durante séculos, o Novo Testamento foi ensinado como um conjunto de crenças a serem adotadas para se chegar ao céu e um manual de moralidade para orientar a vida neste mundo. Para a maioria dos crentes, a ciência interferia no significado de Jesus, e o contexto histórico diminuía sua singularidade.

Os estudiosos, cada vez mais, pensavam de outro modo, e em sua grande maioria eram vistos como detratores que ressaltavam inconsistências nos evangelhos, ou francas contradições entre eles, e que reputavam os milagres (principalmente a Ressurreição) como mitos inventados pelos primeiros cristãos, como interpretações errôneas de fenômenos naturais ou como alucinações coletivas.

Alguns estudiosos cristãos tentaram usar a ciência para respaldar as Escrituras e confundir os céticos. Um dos primeiros exemplos foi o do arcebispo anglicano James Ussher, do século XVII, cujos complexos cálculos baseados na Bíblia determinaram a data da Criação como a noite que precedeu o domingo de 23 de outubro de 4004 AEC. Outros seguiram os passos de Ussher em seus esforços para explicar teorias científicas que pareciam contradizer afirmações da Bíblia, ou para adivinhar a data e a hora precisas do fim do mundo.

Essas tentativas tendiam a terminar mal, ou acabavam se tornando uma versão espelhada das opiniões dos racionalistas, e de tão empenhadas em justificar as Escrituras cientificamente, obscureceram os objetivos mais elevados e a teologia do cristianismo.

No que dizia respeito a Jesus de Nazaré, o medo de muitos crentes era que, ao ser retratado como um judeu que viveu na Judeia do século I, um rabino ou profeta entre tantos outros que povoaram a terra naqueles tempos tumultuosos do Império Romano, Jesus, como Cristo, ficaria comprometido. Era melhor vê-lo apenas como o Filho de Deus, o primeiro cristão, que surgiu nas páginas do texto sagrado já perfeitamente formado, fundou uma religião e morreu por ela.

A estrutura dos evangelhos fomentava esse modo de ver: dois deles, Marcos e João, começam abruptamente com Jesus iniciando seu sacerdócio público na Galileia, um homem solteiro de cerca de trinta anos. Lucas e Mateus começam com as chamadas narrativas de infância, contando a tão cultuada história de Natal, do nascimento numa manjedoura em Belém e da fuga da Sagrada Família para o Egito a fim de escapar do terrível decreto de Herodes, que mandava matar todas as crianças do sexo masculino de menos de dois anos para exterminar o Messias antes que ele crescesse e pusesse em perigo a dominação romana.

O Evangelho de Lucas menciona uma história de Jesus aos doze anos acompanhando Maria e José a Jerusalém para a Páscoa Judaica. Nessa visita, eles perdem o menino de vista e só o encontraram três

dias depois no Templo, discutindo ensinamentos judaicos com os anciãos, que se espantavam com sua erudição e sabedoria.

Fora esse episódio, que também mostra Jesus como alguém incommumente maduro, os evangelhos pulam do Jesus criança para o Jesus como Salvador já adulto, e ignoram dores de crescimento ou o pano de fundo de sua vida. Vem daí a proliferação de teorias fantásticas sobre os “anos ocultos” de Jesus. Crentes na Idade Média adoravam histórias sobre a visita de Jesus à Britânia nesses anos de hiato, enquanto fiéis mais sintonizados com os tempos modernos preferem acreditar que ele teria ido à Índia (como os Beatles visitando um *ashram*), talvez até descobrindo o budismo, o que explicaria o que muita gente hoje vê como o espírito “comer, rezar, amar” que seus ensinamentos emanam.

Mas os crentes modernos que repudiam essas elucubrações também não precisam temer os esforços para compreender Jesus, e a fé que ele pregou, através da compreensão do contexto histórico de sua criação. E isso começa por seu mentor, João Batista.

“Com demasiada frequência, em livros sobre o Jesus histórico, o Batista, como as histórias e os milagres, recebe apenas um aceno superficial e uma breve menção”, escreve o reverendo John P. Meier em sua extensa investigação em múltiplos volumes, *A Marginal Jew: Rethinking the Historical Jesus* [Um judeu à margem: repensando o Jesus histórico]. “No entanto, uma das maiores certezas que temos sobre Jesus é que ele se submeteu voluntariamente ao batismo de João para remissão de seus pecados, episódio constrangedor que cada evangelista tenta neutralizar à sua maneira.” Como afirma Meier, os primeiríssimos seguidores de Jesus aparentemente já estavam ansiosos para evitar que ele fosse “contextualizado”, perdendo sua singularidade. Mas essa abordagem não é desejável, segundo Meier, nem ao menos possível. “Não compreender o Batista é não compreender Jesus.”

E a compreensão de João Batista começa com os quatro evangelhos canônicos do Novo Testamento. O fato de João Batista aparecer em Mateus, Marcos, Lucas e João é um indício de solidez a embasar

afirmações de que se trata de figura história real. O fato de receber amplo tratamento nas mãos de Josefo, o historiador judeu do século I, como veremos adiante, faz da confirmação de sua existência um verdadeiro gol de placa. Meier tem vários critérios para determinar a credibilidade histórica de uma pessoa, declaração ou história do Novo Testamento, sendo uma das principais o “critério de múltipla atestação” — ou seja, se alguém, ou alguma coisa, é mencionado em várias fontes, é porque provavelmente é verdadeiro, e João Batista preenche esse requisito.

Mas o Batista também passa pelo “critério de constrangimento” de Meier, segundo o qual se alguma coisa, ou alguém, no Novo Testamento, cria constrangimento ou dificuldades teológicas que os seguidores de Jesus precisam explicar, então é provável que seja verdade, porque não poderia ser invencionice dos primeiros cristãos — pelo contrário. Esse critério de constrangimento também será utilizado em discussões sobre Maria Madalena (uma mulher como a primeira testemunha da Ressurreição!) e Judas Iscariotes (Jesus, que tudo sabia, escolhe um apóstolo que o trairá!).

João Batista preenche o requisito por ter batizado Jesus, que segundo o próprio texto bíblico não tinha necessidade de lavar pecados. A necessidade de resolver esse enigma teológico explica em parte por que João não é retratado da mesma maneira nas diferentes fontes.

A título de antecedentes: três evangelhos (Mateus, Marcos e Lucas), de tão parecidos em forma e conteúdo, são chamados de sinóticos, termo derivado da palavra grega que significa “olhar do mesmo ponto de vista”. Estudiosos acreditam que esses três evangelhos foram escritos primeiro, tendo sido iniciados poucas décadas depois da Crucificação, e se basearam nos relatos orais que circulavam desde os dias do sacerdócio público de Jesus, que teria começado aproximadamente no ano 30 EC.

O Evangelho de Marcos foi provavelmente o primeiro dos três, redigido entre 65 e 75 EC, com Mateus e Lucas seguindo no encalço de sua narrativa. O quarto, o Evangelho de João, foi escrito depois,

talvez já no ano 100 EC, e possui um estilo bem diferente. A tradição atribui (e isso é contestado por muitos, talvez até pela maioria dos estudiosos) este último evangelho ao apóstolo João, o “discípulo amado” que também teria composto o Livro do Apocalipse, já velho e exilado na ilha de Patmos, na costa da atual Turquia.

Marcos, o evangelho mais antigo, não tem preâmbulo, e mergulha de cabeça na história de Jesus, começando com João Batista: este é apresentado como o cumprimento da profecia feita por Isaías no Velho Testamento, “voz do que clama no deserto”, preparando o caminho do Senhor, para “endireitar as suas veredas”. Continua Marcos:

Assim apareceu João, o Batista, no deserto, pregando o batismo de arrependimento para remissão dos pecados. E saíam a ter com ele toda a terra da Judeia, e todos os moradores de Jerusalém, e eram por ele batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados. Ora, João usava uma veste de pelos de camelo, e um cinto de couro em torno de seus lombos, e comia gafanhotos e mel silvestre.

Todos os principais elementos da história do Batista estão aí: sua voz profética, seu papel como batista, seu amplo apelo e sua vida ascética. Mas que ninguém pense que o Batista tinha essa importância toda. “Após mim vem aquele que é mais forte do que eu, do qual não sou digno de, abaixando-me, desatar a correia de suas alpercatas. Eu, em verdade, vos tenho batizado com água; ele, porém, vos batizará com o Espírito Santo.”

Seguindo a deixa, Jesus aparece para ser batizado por João, e Marcos diz que, ao chegar às águas do rio Jordão — tratava-se de imersão, e não de aspersão —, Jesus “viu os céus abertos, e o Espírito, que como pomba descia sobre ele”. E continua: “E ouviu-se uma voz dos céus, que dizia: ‘Tu és o meu Filho amado em quem me comprazo’”. Não fica claro se alguém mais viu aquele sinal ou ouviu aquela voz.

Esse momento, o do batismo, claramente inaugura o sacerdócio de Jesus. Como João tinha feito, Jesus segue diretamente para o deserto para suportar o convívio com os animais selvagens e as tenta-

ções de Satã, e então, depois de ouvir a notícia de que o Batista fora preso, começa seu sacerdócio público na região da Galileia, norte da Judeia, onde foi criado.

Na metade do evangelho de Marcos, Jesus volta para completar a história de João, narrando as circunstâncias de sua prisão e de sua morte medonha: que o Batista denunciou Herodes por casar com a mulher do irmão e foi levado para a cadeia, mas que Herodes tinha medo de matá-lo. Sua mulher, Herodias, o queria morto, mas Herodes sabia que João era visto como “homem justo e santo”, e ele próprio gostava de ouvi-lo pregar, embora não tivesse certeza se compreendia bem suas palavras.

Então vem o famoso banquete, no qual a filha de Herodes, identificada noutro lugar como Salomé, dançou para os convidados e em troca recebeu de presente a cabeça de João Batista numa bandeja, que por sua vez deu à mãe. Herodes então “entristeceu-se muito”, diz Marcos, e talvez tenha sido em parte por isso que deu aos discípulos de João permissão para pegarem o seu corpo e o depositarem num sepulcro — história que, em muitos sentidos, prefigura a Paixão de Jesus. João era tão popular que, quando Herodes mais tarde ouviu falar em Jesus, pensa de início que João se levantara dos mortos.

O Evangelho de Mateus é mais extenso. Só continua a narrativa de Marcos sobre João depois de contar a história da infância de Jesus. O Batista é então apresentado mais ou menos da mesma maneira, com a diferença de que, segundo Mateus, critica especificamente os fariseus e saduceus — dois outros grupos judaicos que tinham poder em Jerusalém naquela época, e eram foco de ressentimento de muitos profetas. João Batista os denuncia como “raça de víboras” e sugere que sejam mortos e jogados no fogo.

Quando o Batista profetiza a vinda do Messias, que será Jesus, também invoca o “fogo que nunca se apagará” trazido por Jesus para consumir os que não se arrependem. Quando Jesus aparece no rio Jordão, João O reconhece, e protesta dizendo que Jesus é que deveria batizá-lo, não o contrário. Jesus diz não: “Deixa por agora, porque

assim nos convém cumprir toda a justiça”. Então vem o batismo, a pomba descendo e a voz de Deus confirmando que Jesus era Seu Filho.

Depois disso, como em Marcos, Jesus passa quarenta dias no deserto, com algum refinamento no episódio das tentações, e então Jesus começa seu sacerdócio público de pregar — o arrependimento, assim como João — e ensinar, mas também de fazer milagres. Esses milagres são a principal diferença entre João e Jesus. Mais adiante em Mateus, quando João, já preso, ouve falar sobre as proezas de Jesus, manda dois discípulos seus pedirem confirmação de que ele era o Messias: “És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro?”.

Aparentemente, João Batista não viu a pomba nem ouviu a voz no rio, ou ainda tinha dúvidas. Jesus instruiu os discípulos de João: “Ide contar a João as coisas que ouvís e vedes: os cegos veem, e os coxos andam; os leprosos são purificados, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho. E bem-aventurado é aquele que não se escandalizar de mim”.

Jesus então, numa súbita explosão de energia, faz um elogio a João Batista para a multidão: “Em verdade vos digo que, entre os nascidos de mulher, não surgiu outro maior do que João, o Batista”. “Mas”, observa Jesus, “aquele que é o menor no reino dos céus é maior do que ele”, o que, vindo do Filho de Deus, é um grande louvor.

A última referência ao Batista no evangelho de Mateus é um dos momentos mais significativos e lancinantes da história: depois que João é morto, seus discípulos pedem o corpo de volta e o sepultam, e vão imediatamente contar a Jesus. Ao saber da notícia, Jesus “retirou-se dali num barco para um lugar deserto, apartado”, aparentemente sofrendo, e talvez pensando seriamente no que o aguardava.

O evangelho de Lucas acrescenta detalhes ao contexto da história de João e Jesus, como o faz com tantos outros aspectos da narrativa, embora se trate do tipo de minúcia que os estudiosos costumam pôr em dúvida. O principal deles é a história, contada somente em Lucas, de Isabel e do sacerdote Zacarias, casal já avançado em idade e estéril, visitado por um anjo, Gabriel. O anjo anuncia a Zacarias que

Isabel lhe dará um filho, que esse filho se chamará João e que, como profeta, converterá muitos filhos de Israel de volta a seu Deus. Isabel fica em reclusão, segundo Lucas, até o dia em que, já grávida de seis meses, é visitada por uma moça — talvez uma adolescente — chamada Maria, que anuncia a Isabel que ela também, milagrosamente, está grávida. A criança no ventre de Isabel imediatamente dá um salto, que Isabel interpreta como sinal de que João reconheceu Jesus como o Filho de Deus.

Lucas diz que as mulheres são aparentadas, e naturalmente criou-se uma tradição de que a idosa Isabel e a jovem Maria eram primas. E primos também eram, portanto, João Batista e Jesus. O evangelista diz que Maria ficou com Isabel por três meses, que seria até Isabel dar à luz, data que segundo a tradição cai em 24 de junho, exatamente seis meses antes do nascimento de Jesus, o primeiro Natal, que Lucas narra com esplêndidos detalhes.

Lucas mais adiante retoma a história de João no deserto “pregando o batismo de arrependimento, para o perdão dos pecados”. João mais uma vez nega que seja o Messias, mas aponta para Jesus, a quem batiza. Mais uma vez o Espírito Santo “desceu sobre ele em forma corpórea, como pomba”, Deus dá sua aprovação, e Jesus começa seu próprio sacerdócio público, depois de passar quarenta dias no deserto, enquanto Herodes trancafiava João na cadeia e manda decapitá-lo.

O Evangelho de João, o quarto do Novo Testamento e também o último a ser escrito, começa como o primeiro evangelho, o de Marcos, e vai direto à história de João como mensageiro do Verbo, Jesus Cristo: “Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz. Pois a verdadeira luz, que alumia a todo homem, estava chegando ao mundo”. João mais uma vez protesta dizendo que não é o Messias, como alguns supunham, mas, em vez de descrever o batismo de Jesus no rio Jordão, conta aos ouvintes que viu o Espírito Santo descer sobre Jesus como uma pomba, e que Jesus era, de fato, o Filho de Deus.

João Evangelista está mais preocupado em ressaltar a divindade de Jesus, com tudo feito sob medida para realçar Jesus como o Cris-



to, o Messias, o Filho de Deus — e é isso o que João Batista faz. Quando o Batista vê Jesus vindo em sua direção, diz aos seus discípulos: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!”. E seus discípulos passam a seguir Jesus. No terceiro capítulo, alguns dos discípulos remanescentes de João Batista notam que Jesus e seus discípulos também estão administrando o batismo, e lhe perguntam por que todos vão ver Jesus. O Batista, novamente, louva Jesus como o escolhido, e numa frase famosa diz: “É necessário que ele cresça e que eu diminua”.

João Batista então desaparece da narrativa, e não há referência à sua morte.